

QUEM NÃO DOMINA A PALAVRA É DOMINADO POR ELA

Alfabetismo, letramento e as limitações da população brasileira diante da palavra escrita e falada

UMA CORREÇÃO NECESSÁRIA NA FONTE

O Inaf foi criado e executado pelo Instituto Paulo Montenegro em parceria com a Ação Educativa de 2001 a 2018. A edição mais recente, com dados de 2024 e divulgada em 5 de maio de 2025, mudou de mãos: passou a ser coordenada pela Ação Educativa e pela consultoria Conhecimento Social, com co-realização da Fundação Itaú e parceria da Fundação Roberto Marinho, Instituto Unibanco, Unesco e Unicef. A série histórica foi preservada, a autoria não. Em texto que se pretenda científico, essa distinção importa.

QUATRO INSTITUTOS, UM MESMO CORPO

O país mede o alfabetismo por camadas, e cada instituição enxerga uma parte do mesmo organismo. O IBGE, pelo Censo e pela PNAD Contínua, mede o analfabetismo absoluto, o de quem não lê nem escreve um bilhete simples. O Inep, pelo Saeb e pelo Enem, mede o desempenho de quem ainda está na escola. O Inaf mede o que sobra depois que a escola acabou, ou seja, o que o adulto realmente consegue fazer com a leitura na vida prática. O Pisa, da OCDE, compara os jovens brasileiros de 15 anos com os de dezenas de países. O Todos Pela Educação monitora e traduz esses indicadores em análise de política pública. E o Cebrap e a Fundação Carlos Chagas sustentam o alicerce acadêmico, inclusive a distinção conceitual que organiza todo o debate: alfabetizar é ensinar o código, letrar é ensinar a usá-lo na vida. Lidos juntos, os quatro sistemas não se contradizem, eles se completam de forma perturbadora.

O QUE MELHORA

Em 2025, o Brasil tinha 8,4 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais, taxa de 4,9%, a primeira vez abaixo de 5% desde 2016. Mais da metade deles, 4,8 milhões, estava no Nordeste, e 58% do total tinha 60 anos ou mais. O analfabetismo absoluto recua e se tornou, cada vez mais, um fenômeno geracional, concentrado em quem passou da idade escolar há décadas. Essa é a boa notícia, e ela é real.

O QUE NÃO MELHORA

Sobreponha o Inaf e o quadro se inverte. Enquanto o analfabetismo absoluto cai, o funcional alcança 29% dos brasileiros de 15 a 64 anos, exatamente o mesmo patamar de 2018. A queda de 39% para 29% ocorreu inteiramente entre 2001 e 2009 e desde então o indicador não se move. Some-se o nível elementar, que reúne 36% da população, e chega-se a dois terços de brasileiros com limitações reais diante de textos complexos. E o dado mais duro: o percentual de brasileiros no nível proficiente é praticamente o mesmo há vinte e três anos. O país aprendeu a tirar gente do fundo até 2009 e parou. Nunca aprendeu a levar gente ao topo.

O ANO EM QUE O BRASIL PAROU DE AVANÇAR

O Pisa confirma o diagnóstico por dentro da escola. Metade dos estudantes brasileiros de 15 anos tem baixo desempenho em leitura, abaixo do nível 2, contra 26% na média da OCDE, e apenas 2% alcançam alto desempenho, contra 7% da OCDE. Os resultados brasileiros são estáveis desde 2009 nas três disciplinas. A mesma data que aparece no Inaf. Duas metodologias inteiramente distintas, uma domiciliar e outra escolar, apontando para o mesmo ano de estagnação.

ONDE A TRAJETÓRIA SE ROMPE

O Saeb 2025 traz o contraponto necessário e é honesto reconhecê-lo. Em 2025, 60,7% dos alunos da rede pública no 5º ano alcançaram o nível adequado em Língua Portuguesa, superando pela primeira vez os patamares anteriores à pandemia. Nos anos finais, porém, o desempenho médio permanece no nível básico, e no ensino médio a matemática segue abaixo do básico. O novo Plano Nacional de Educação estabelece que até 2036 pelo menos 90% dos estudantes estejam no nível adequado nessa etapa. A criança de dez anos está lendo melhor. O adolescente de quinze, não. Alguma coisa se rompe no meio do caminho, e é essa ruptura que reaparece, quinze anos depois, na estatística do adulto.

O JOVEM E A TELA

Entre os jovens de 15 a 29 anos, o analfabetismo funcional subiu de 14% em 2018 para 16% em 2024. A geração que mais tempo passou dentro da escola em toda a história do país está lendo pior que a anterior. O Inaf 2024 aplicou pela primeira vez parte das questões em aparelho celular, para entender como o nível de alfabetismo incide sobre a forma de lidar com textos e informações numéricas no mundo digital. Universalizamos o instrumento sem universalizar o repertório. Entregamos a todos uma máquina de despejar informação e mantivemos dois terços das pessoas sem condições de filtrar o que ela despeja. O golpe por aplicativo, a corrente de desinformação e a manipulação algorítmica não prosperam onde falta sinal, prosperam onde falta interpretação.

O DADO QUE RESUME TUDO

Cruzando IBGE, Inaf, Pisa e Saeb, o país inteiro cabe em uma frase. Cinco em cada cem brasileiros não leem nada. Vinte e nove em cada cem leem sem compreender. Trinta e seis em cada cem compreendem apenas o simples.

De cada dez brasileiros adultos, apenas um domina plenamente a palavra escrita, e esse número é o mesmo de vinte e três anos atrás.

Meu comentário sobre esse dado é direto: o Brasil não tem um problema de alfabetização, tem um problema de teto. Alfabetizamos com relativa eficiência e paramos exatamente onde a leitura começaria a produzir autonomia. Formamos um país que decifra e não interpreta. E um povo que decifra sem interpretar é perfeitamente governável, perfeitamente vendável e perfeitamente manipulável, porque continua obedecendo a textos que não entende. Nenhuma reforma econômica sobrevive a isso. Nenhuma democracia amadurece com um em cada dez cidadãos plenamente senhor da própria língua.

DOMINAR OU SER DOMINADO

Dominar a palavra não é decorar a sua grafia, é possuir o seu conteúdo. Quem lê juro compostos sem saber o que aquilo fará com o seu salário, quem assina um contrato de integração sem interpretar a cláusula de rescisão, quem ouve reforma da previdência sem calcular o que muda na sua aposentadoria, esse não é ignorante, é desprotegido. A palavra que não se domina não fica neutra, ela passa a trabalhar para outro. Toda dependência começa por uma delegação de compreensão.

A fala é o outro lado da mesma moeda. Quem tem vocabulário restrito entende menos e também se expressa menos, e quem se expressa menos negocia menos, reivindica menos, defende-se menos. O silêncio de tanta gente em assembleia, em reunião de pais, em audiência pública, raramente é falta de opinião. É falta de palavras para vestir a opinião que já existe.

O QUE A VIDA RURAL CORRIGE NO DIAGNÓSTICO

Meu pai lia o céu antes da chuva, lia o solo pela cor e pelo cheiro, lia o rebanho pelo comportamento de um único animal. Nenhum indicador o mediou. Existe uma inteligência oral, prática e acumulada que o Inaf não capta e que seria injusto ignorar. Reconhecer isso não relativiza o problema, ao contrário, o define com precisão: analfabetismo funcional não é falta de inteligência, é falta de mediação. É a distância entre uma inteligência plenamente ativa e os códigos escritos que hoje organizam crédito, contrato, saúde, direito e cidadania. Quem sabe ler o mundo e não sabe ler o papel acaba governado por quem lê o papel.

O QUE ISSO COBRA DO COOPERATIVISMO

O quinto princípio, educação, formação e informação, não é item protocolar de estatuto, é resposta exata a este indicador. Uma cooperativa que investe em assistência técnica e não investe em letramento constrói o telhado sem alicerce. A assembleia geral, instrumento máximo da democracia cooperativa, torna-se ritual vazio quando a maioria dos presentes não interpreta o balanço que está aprovando. Participação sem compreensão é apenas presença.

QUEM COMUNICA MAL EXCLUI

Se dois terços do público têm limitações diante de textos complexos, a clareza deixa de ser elegância e passa a ser dever ético. Palestrante, gestor, técnico, professor ou dirigente que se refugia no jargão não demonstra competência, produz exclusão. A frase difícil não eleva quem a pronuncia, rebaixa quem a escuta.

O CAMINHO

Começa na escola e não termina nela. Passa pela família que lê em voz alta antes que a criança saiba ler, pela cooperativa que transforma o dia de campo em formação e não apenas em técnica, pela empresa que capacita além da tarefa, pela igreja que explica o texto em vez de apenas recitá-lo. Um país não se alfabetiza por decreto. Alfabetiza-se por convivência com quem lê e por insistência de quem ensina.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA; CONHECIMENTO SOCIAL. **Inaf Brasil 2024:** Indicador de Alfabetismo Funcional. São Paulo, 2025.

FUNDAÇÃO ITAÚ. **Analfabetismo funcional atinge 29% dos brasileiros, aponta novo estudo do Inaf.** São Paulo, 5 maio 2025.

UNICEF BRASIL. **Analfabetismo funcional não apresenta melhora e alcança 29% dos brasileiros, mesmo patamar de 2018, aponta novo levantamento do Inaf.** Brasília, 5 maio 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua:** módulo anual de Educação 2025. Rio de Janeiro, 19 jun. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Nota sobre o Brasil no Pisa 2022.** Brasília: Inep/MEC, 5 dez. 2023.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Pisa 2022 Results:** Volume I. Paris: OECD Publishing, 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Evolução dos níveis de aprendizagem na Educação Básica:** Saeb 2005-2025. São Paulo, ago. 2026.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Ideb e Saeb 2025:** nota técnica. São Paulo, ago. 2026.

JEDUCA. **Alfabetismo funcional: entenda os principais resultados do Inaf.** São Paulo, 5 maio 2025.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Relação do cooperativismo com a sucessão familiar.** Camboriú, mar. 2024. Disponível em: <https://ainor.com.br/wp-content/uploads/2024/03/RELACAO-DO-COOPERATIVISMO-COM-A-SUCCESSAO-FAMILIAR.pdf>

LOTÉRIO, Aínor Francisco. **Pedagogia da Alegria no II Fórum Regional de Educação.** Camboriú, set. 2019. Disponível em: <https://ainor.com.br/2019/09/pedagogia-da-alegria-professores>

Aínor Francisco Lotério

ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010

www.ainor.com.br | www.loterio.com.br